

ECOLOGIA, SOLIDARIEDADE, COOPERATIVISMO E MUDANÇA DE PARADIGMAS

ENTREVISTA DE MAURÍCIO WALDMAN PARA O JORNAL O POVO¹

Costumamos pensar que as mudanças ambientais acontecem através de grandes revoluções. Mas é também na esfera micro, de pequenos gestos iniciados dentro de nossas casas, que cada um pode ajudar a preservar o equilíbrio ambiental. O respeito ao meio ambiente passa por ações desenvolvidas pelo tripé Estado, sociedade e indivíduo. É o que ensina o antropólogo e ambientalista Maurício Waldman.

Por meio ambiente entenda: a sua casa. Tudo o que há dentro dela, incluindo você. E também sua rua asfaltada, o bairro, a cidade, mesmo que ela tenha dois milhões de habitantes, trânsito caótico e prédios de concreto. Encarar como meio ambiente tudo o que está ao seu redor - e não apenas parques, reservas ecológicas, oceanos e florestas - é o primeiro passo para conscientização efetiva da necessidade de "salvar o mundo" e seus recursos naturais. É isto que ensina o antropólogo e ambientalista Maurício Waldman.

Em entrevista a *O Povo*, Waldman falou do papel de cada indivíduo na preservação ambiental. São pequenas mudanças de hábito, que em conjunto podem representar grandes transformações. Lembrou a importância de uma sociedade atuante e de um Estado forte o suficiente para implementar políticas ambientais eficazes. Criticou o modelo econômico "à americana" que, incentivando o individualismo e o consumismo, contribui para a desordem no Planeta. E também discordou de muitos "ambientalistas" que apregoam a salvação dos ursos pandas num discurso inflamado e pouco prático, enquanto a caatinga e o mangue são degenerados e o nordestino passa fome.

Leia, a seguir, os principais trechos da conversa; pode ser que, depois, um refrigerante em latinha de alumínio se torne um pouco indigesto. (Clarisse Furlani e Ana Cecília Mesquita).

O POVO - O senso comum costuma associar a proteção ao meio ambiente à preservação de florestas, parques ecológicos, animais exóticos. Mas como preservar o meio ambiente no dia-a-dia?

MAURÍCIO WALDMAN - Acho que a questão mais óbvia, em primeiro lugar, é o que você entende por meio ambiente. Como nada é real fora da nossa percepção do real, se você imagina que a realidade é X, logo ela vai ser X. Como as pessoas não só imaginam, mas são induzidas a imaginar que meio ambiente é algo fora delas, acaba sendo exatamente o que ocorre.

¹ Antropólogo e ambientalista veterano, Waldman é consultor ambiental, ex-Chefe da Coleta Seletiva de Lixo da Capital paulista e doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. E-mail: mw@mw.pro.br; Home-page: www.mw.pro.br.

Normalmente, a discussão ambiental tem deslocado o foco para fora das áreas ditas artificiais, ou espaços ditos construídos, áreas humanizadas etc. Normalmente se trabalha um paradigma de natureza "natural", digamos assim; você tem o homem e a natureza está sempre longe dele. São Paulo, por exemplo, tem uma ênfase muito grande em termos de Mata Atlântica. Só que onde é que está a Mata Atlântica na cidade de São Paulo? Assim como em outras áreas do País você pode pegar outras realidades.

O POVO - Trazendo o exemplo para Fortaleza, aqui é o mangue que está ali na beira do Rio Cocó, dentro de um parque, a duna que está na saída da cidade. E você critica a degradação desses lugares, mas não vê a sujeira da sua rua...

MAURÍCIO WALDMAN - E não é só paisagem. Você tem lutas que defendem o urso panda, a ararinha azul, o mico-leão dourado, espécies ameaçadas. A baleia, que está lá no meio do oceano. É mais fácil e mais cômodo, porque você defende a natureza, mas muitas vezes não está fazendo nada de concreto. A idéia (...) central é lembrar às pessoas que o meio ambiente não é algo fora da sua realidade. Muito pelo contrário, você vive nele. O segundo ponto é, quando você fala em paisagem artificial, o que você pode fazer efetivamente nessa paisagem artificial, qual é a escala da sua participação. Da mesma forma que você pode defender a baleia e não fazer nada em casa, você pode defender o plano diretor da cidade, mas na sua própria casa você também não faz nada. É o mesmo problema. Então o que eu procuro colocar (...) é exatamente uma das parcelas da responsabilidade ambiental, a que tem a ver com a ação do indivíduo. Não que essa atuação dê conta de resolver o problema ambiental; seria muita irresponsabilidade colocar que, se você age assim, o mundo vai ser salvo. Porque não vai ser salvo coisa nenhuma. As pessoas muitas vezes têm essa idéia de que é aqui e agora, você faz tabula rasa do passado e começa tudo de novo, como se não existisse passado, como se os processos de cultura fossem questões de mágica espontânea, que vem uma consciência que aparece na cabeça das pessoas e já resolve tudo, e não é nada disso. O indivíduo é apenas uma das três esferas de importância quando se fala da questão ambiental. A primeira esfera seria a do Estado, e é um Estado forte, porque a questão ambiental não se resolve com um Estado fraco. Quem acha que um Estado fraco vai resolver a questão ambiental está fazendo o jogo da raposa dentro do galinheiro. Que para grandes empresas é ótimo você ter um Estado desregulamentado, que, portanto vai fiscalizar menos o que a empresa faz e ela faz o que bem entende. É importante o Estado forte, com atribuições e capacidade de intervenção na economia. Eu não estou falando de estatização da economia, estou falando de um Estado que consiga intervir, consiga estabelecer políticas públicas, estratégias de urbanização, pactos sociais e coisas do gênero. Segundo você tem a sociedade. É a Igreja, a comunidade de bairro, a escola, a empresa, que pode ser privada e ter uma estratégia de interesse público. Então você tem o Estado, tem a sociedade e tem o indivíduo. O que precisa ter é uma atuação conjunta e coordenada desses três elementos.

O POVO - E qual a importância da participação do indivíduo?

MAURÍCIO WALDMAN - Olhe: cada casa desperdiça, em média, 25% do gás, 30% da água - isso sem contar com o desperdício que se dá nos sistemas de distribuição no Brasil, que são muito precários - e 42% da eletricidade. Em média. Se a gente pensar numa estratégia ambiental, tem que cobrar do Estado a atribuição dele, reforçá-lo; tem que ter uma sociedade consciente e tem que ter um indivíduo participante. Só assim você consegue resolver. E a esfera da casa é importante, porque a primeira fonte de problema ambiental é a residência, pelo desperdício, pela não segregação de lixo, pelos próprios hábitos de consumo que as pessoas têm.

O POVO - A gente vive em grandes cidades, estruturadas dentro de um sistema capitalista, voltadas para o consumo. Qual seria o caminho para conseguir uma conscientização efetiva, levando em consideração que a gente tem essa força do incentivo ao consumo muito forte e quase onipresente?

MAURÍCIO WALDMAN - Como eu estou falando do indivíduo, o único indivíduo que eu posso citar como exemplo sou eu mesmo. Uma das maneiras que eu encontrei para não ficar contaminado pelo consumismo foi pura e simplesmente tirar a televisão da minha vida. Faz dez anos que eu não ligo a televisão. Não é necessário ser radical sempre, mas você tem que estar atento para controlar as fontes que impregnam você psicologicamente com maus hábitos em relação ao consumo e aos recursos naturais.

O POVO - Isso principalmente relativo às crianças, não é?

MAURÍCIO WALDMAN - Sem dúvida. Pai que deixa criança o tempo todo na televisão está cometendo um crime de grande escala. Não adianta reprimir a criança porque ela quebra os brinquedos. Ora, como pode se comportar diferente se em qualquer filme tem batida de carro? O natural é que ela pegue o carro de brinquedo e amasse ele, é óbvio. Tem também um outro elemento que se pode colocar é que você tem que repensar o seu estilo de vida. As pessoas ficam viciadas em carro, em açúcar, em televisão, em pornografia, um monte de coisas que não servem. Então você tem que por a mão na cabeça. Não existe planeta para todo mundo ter o mesmo padrão de consumo. A Liana John, que é uma articulista do *Estadão* (isto é, o jornal O Estado de São Paulo), tem um cálculo super interessante: se todas as metrópoles do mundo tivessem o mesmo padrão de consumo de Londres, precisaria de quatro planetas Terra. Então, quando os sociólogos falam que a globalização vai parar por este ou aquele motivo, é bom lembrar que do ponto de vista natural a globalização é impossível, porque não tem planeta para ela. Eu não vou entrar no mérito se ela é ruim ou se ela é boa. Este sistema, tal como está sendo pensado, com o paradigma do consumo, do individualismo, se ele for reproduzido em escala mundial, este padrão não vai ter planeta para isso. Portanto ele não pode ser universal. Ele é necessariamente excludente. Eu não acho nada, isso é uma questão lógica. Por isso que a ecologia levanta uma discussão que você acaba entremeando com discussões como solidariedade, cooperativismo, mudança de paradigmas.

O POVO - São aspectos que a gente foi mudando ao longo da História. Saímos de um extremo em que o interesse do grupo era tudo e estava acima do indivíduo, para o outro extremo, onde o indivíduo é tudo.

MAURÍCIO WALDMAN - Claro. Na realidade o certo é o caminho do meio, não é? Você tem que ter uma visão mais equilibrada, não pode ser empresa total, não pode ser Estado total, não pode ser individualismo total e não pode ser coletivismo total. Isso não acontece porque você não tem um processo pedagógico que estimule isso. Você tem que primeiro mudar este paradigma, estimulando a educação ambiental. E lembrando que não existe educação ambiental teórica. Ou é prática ou não existe. Ou ela de fato muda o procedimento das pessoas ou esta está falhando. Tem que ser prática, e para ser prática, tem que ser no cotidiano, e para ser no cotidiano, tem que ser na casa. Quando as escolas fazem a educação ambiental, é aquela coisa de fazer cartaz da floresta, aí aparece a jaguatirica, o lobo guará. Quando aparecem, que por ser uma cultura colonizada, os animais que aparecem nos trabalhos infantis são importados. Veja: a maior parte dos bichinhos de brinquedo que são dados para crianças são bichos que não tem no Brasil. É um ursinho. Onde é que tem urso, no Brasil, alguém sabe me informar? Pingüim, urso panda, raposinha, foca, não são bichos brasileiros. Porque você não estimula fazer bichos de pelúcia com elementos da fauna local? Se aqui ainda fosse um país que não tivesse diversidade de bicho... O Brasil tem 23% da biodiversidade do mundo. Você tem aqui milhares de espécies de mamíferos engraçadinhos para estimular a criançada, mas não, você dá urso; aí a criança fica com a idéia de que vai proteger o urso, é uma coisa completamente louca, porque no país onde ela mora não tem nenhum urso. Está tudo errado. A própria escola não é ecológica, a construção não reproduz um paradigma de adequação ao meio, desqualificam as formas tradicionais de construção. As pessoas se esquecem, por exemplo, você pode fazer prédios de terra socada. Têm quatro cidades no Iêmen, tombadas pela Unesco, completamente construídas de terra socada, com prédios de sete, oito andares. Mas se desestimulou isso e o que se valoriza é o tijolo que é cozido no forno, que gasta muita energia, o concreto que vai causar dano, o alumínio, que é um material terrível. Então, para resistir a essa pressão do consumo, você tem que mudar o paradigma. Estimular na escola a educação ambiental para mudar esses paradigmas de natureza, que são idéias fora do lugar. Você só muda isso com campanha de informação, com educação ambiental real, desde cedo. Hoje você vê criança do Nordeste falando que é pra defender a mata atlântica, enquanto ninguém fala que a caatinga também é meio ambiente. Tem que ter um controle social sobre isso, tem que ter a escola atuando e tem que ter um Estado com atitudes práticas que respaldem isso, ou então nada vai mudar. Começa primeiro pela cabeça, porque toda opção social primeiramente é uma opção individual. Se não fica aquela coisa de sociologia meio abstrata, como se fosse uma espécie de um exu que baixa; não, são pessoas, que têm cérebro, que têm mão, perna, que atuam. Então, quais são os paradigmas que devem ser colocados? Paradigmas tais como o da simplicidade voluntária. É pensar: será que eu preciso mesmo comprar essa roupa? Será que eu vou comer toda essa comida? Porque quanto mais coisas que você tem, não é você que possui as coisas, você é possuído por elas. Simplicidade voluntária é saber abrir mão dessas coisas e ver até que ponto elas são imprescindíveis. O Brasil virou um país de consumo de ícones. Não pode dar carro para todo mundo, porque isso seria socializar o congestionamento. É impossível numa cidade todo mundo ter carro, do mesmo modo que é impossível a globalização ser global. Então, se é só para alguns, que seja de uma forma que não prejudique os demais, que as pessoas usem o carro de uma forma mais adequada,

transportem mais gente, andem a pé, até porque é mais saudável. Porque do jeito que está você tem países inteiros onde o problema básico é a obesidade, nos Estados Unidos as pessoas estão morrendo de tanto comer, e não fazem exercício porque tudo é eletrônico. Os Estados Unidos consomem hoje em dia uma terça parte da energia do mundo. Cada americano consome 450 galões de gasolina por ano, enquanto um alemão consome 140. E isso não significa que o americano tem uma qualidade de vida três vezes melhor; nesse caso mais não é melhor, mais é simplesmente desperdício. É a lógica que está sendo colocada para o mundo como o grande modelo. Ora, isso não é modelo de nada, porque não pode ser globalizado, não pode ser universalizado. Portanto, não pode ser, e se não pode ser vai ter que ser outra coisa. O pessoal está achando que a natureza é um almoxarifado, que nem aquela cornucópia que só vai saindo coisa e você tira e continua saindo. Na natureza, quando você tira, chega uma hora que não tem mais. É aquilo, ou você cuida, ou então um abraço. Mudar isso também significa cuidar da casa, eliminar o desperdício, reaproveitar resto, toda essa parte que é do cotidiano.

O POVO - A estrutura das cidades, muitas vezes, não contribui para essas ações cotidianas. A gente mora em grandes cidades, que são "ecossistemas"...?

MAURÍCIO WALDMAN - Pode usar a palavra ecossistema sem aspas. Porque são ecossistemas artificiais; tanto assim que hoje em dia se fala em ecologia das megalópoles. Porque as cidades funcionam como um sistema de engenharia artificial, cuja dinâmica interna é semelhante à do ecossistema natural, você tem entrada e saída de material, você tem resíduo. O problema é que esse ecossistema artificial é altamente ineficiente, ele tem aquilo que os físicos chamam de um elevado nível de entropia, ele requisita muito para dar pouco em troca, portanto é ineficiente. Tem um alto nível de desperdício, e um alto nível de gasto de recursos. Mas é um ecossistema.

O POVO - Dentro então desses ecossistemas, sem aspas, se as pessoas tentam adotar procedimentos de preservação, vão encontrar resistências. Em Fortaleza, se eu seleciono meu lixo, não tenho quem recolha, vou ter que pegar o meu carro e ir levar na usina do Jangurussu. Eu sei que lâmpadas fluorescentes são tóxicas, mas não tenho onde descartar. Quero abrir mão do meu carro, mas não tenho um transporte coletivo que atenda às minhas necessidades e não posso andar a pé, por causa da violência. Como superar essas dificuldades do dia-a-dia?

MAURÍCIO WALDMAN - Algumas coisas podem ser superadas, outras não. Porque é como eu disse, essa questão passa por três esferas: o indivíduo, a sociedade e o Estado. Se o indivíduo fizer sozinho, ele não vai dar conta. Mas algumas coisas podem funcionar independente das outras esferas. Por exemplo: o material reciclável pode ser entregue para o catador de forma combinada. Na hora que você adquire um refrigerante, se você puder optar entre uma embalagem de alumínio e uma de vidro retornável, você pode fazer essa opção. Então, até dá para fazer alguma coisa, mas lembrando que tem um limite claro, porque o indivíduo sozinho não dá conta disto. Se não, a gente entra num individualismo ecológico. O indivíduo não vai resolver, ele vai ajudar a resolver. Como faço se tenho que andar uma distância grande e não tem transporte coletivo? Usa carro mesmo, não tem jeito. É como você ficar criticando o sertanejo que

come avoante, porque não tem o que comer. Enquanto não tiver como encher a barriga ele vai comer avoante, ararinha azul, mico-leão dourado. E não é um criminoso ambiental, é uma vítima social. Então tem limitações, não há dúvida, mas você pode adequar, comer de forma adequada, separar o lixo, escolher uma embalagem menos impactante. Por exemplo, (...) um em cada dez kilowatts de energia produzida no Brasil uma vai para produzir latinhas! Ninguém comenta isso....

O POVO - E o consumo de latas de alumínio tem sido até incentivado por causa da reciclagem.

MAURÍCIO WALDMAN - Por isso que reciclagem também não é a solução para a questão ambiental. É outro paradigma errado. Não vai resolver tudo, até porque você não consegue reciclar todo o lixo, isto é um mito. A reciclagem não é o básico, antes dela têm a reutilização, e antes da reutilização, a redução, que é a teoria dos três R's: reduzir, reutilizar e reciclar. Nessa ordem. E atualmente muitos teóricos falam de um quarto R que é anterior à redução, que é repensar. Será que minha vida está sendo boa com tantos objetos me possuindo? O carro me usa, a televisão me usa, a latinha me joga fora. Porque eles estão dando ordem semântica para você de certa forma. Então primeiro repensar, segundo reduzir. A cidade mais limpa não é a cidade em que mais se varre, mas a cidade em que menos se suja. As grandes cidades do Brasil têm sistema de varrição da área central, onde essas áreas são varridas às vezes até dez vezes (por dia). No Rio são sete, São Paulo, dez. Em Berlim, são duas vezes, porque ninguém joga papel no chão. E outra: o lixo é a coisa certa colocada no lugar errado. Pode ser uma fonte de reciclagem, mas voltando àquele ponto, a reciclagem não é a solução de tudo. Criaram mitos de que a reciclagem vai dar conta do recado, e não dá. Pega o exemplo da latinha: se você gasta 17.500 Kw/hora para produzir uma tonelada de alumínio, e para reciclar você gasta menos de 10%. Ora, se o vidro for retornável, nem energia para recompor o material você gasta. Se você faz entrega de refrigerante em garrafa, porque que o mesmo caminhão que leva a garrafa não pode voltar cheio com garrafas vazias, como sempre foi? Mas aí vem a cultura do descartável, que é legal você jogar fora. Acaba gerando uma outra série de problemas, de ordem até pessoal, porque as pessoas acabam se tornando descartáveis também. Os bichos são descartáveis. Teve um ano que foi um escândalo na França, um estudo que demonstrou que no período de férias um grande número de animais domésticos na França são liquidados, porque as pessoas vão viajar e simplesmente matam os animais domésticos. Então o que se encontra de cachorro na lata do lixo na França é um absurdo. Ninguém comenta essas coisas, né? Matam bicho, porque é descartável, aí você vai na loja e compra outro bicho. Isso também acabou virando uma estratégia de consumo. E nessa questão da reciclagem, acaba-se omitindo algumas discussões. Omite a discussão de conteúdo energético de embalagem, omite a discussão sobre o conteúdo hídrico dos produtos. Por exemplo, o desperdício de alimento no Brasil é simplesmente exorbitante, e três quartas partes da água do mundo hoje em dia são destinadas para produzir comida, então quando você joga comida fora, você está jogando muita água fora. A reciclagem entra numa última etapa, mas tem todo um procedimento individual antes. E você não pode pensar o lixo da calçada para diante, você tem que pensar o lixo antes dele ir para a calçada. Porque todas as estratégias municipais de coleta de lixo pensam no saquinho de lixo na calçada, só que isso é errado. Tem que pensar na casa e daí você estabelecer uma linha de ação que faça a minimização, a redução do lixo e promova a modificação dos hábitos de consumo. A questão número um de um departamento de limpeza pública deveria ser a educação ambiental, e

não é. Então a gente vai ter esse problema, porque a reciclagem não dá conta de tudo, até porque o lixo tem uma quantidade de rejeito; 40% do lixo você não pode fazer nada com ele. Papel dá para reciclar? Dá. Mas se jogar papel no saco do lixo e joga molho de tomate em cima, pode esquecer. A reciclagem em larga medida é um mito, ela pode acabar se tornando um elemento de uma engrenagem que é de depredação também.

O POVO - E vira também uma grife: virou moda consumir produtos reciclados.

MAURÍCIO WALDMAN - Claro. Por exemplo, o alumínio é um escândalo. Aí ficam falando do *apagão*. Não vão imaginar vocês que a Alcoa, a multinacional que está lá no Maranhão fazendo processamento de bauxita para alumínio, ficou sem eletricidade. Vocês não podem ter essa ingenuidade. Quem foi penalizado no *apagão* foi o consumidor individual, que entra com uma fração minoritária de consumo de eletricidade, e é por isso também que não se pode pensar que o indivíduo vai resolver tudo. É preciso governo e sociedade atuando juntos. Agora você pode, por exemplo, optar por garrafa de vidro retornável. Se não tiver, porque existe uma tendência de não ter mais garrafa de vidro, opta pela garrafa de vidro *one way*, porque o vidro gasta menos energia, e depois entrega para o carrinheiro (catador). E tem outro problema: precisa saber se o mercado está consumindo. Outro dia eu juntei um montão de garrafa, o catador não quis levar, porque o preço do vidro estava baixo. Então você tem que ter uma política governamental de estímulo de reciclagem também, coisa que também não tem. Latinha funciona bem porque a reciclagem de latas é controlada por multinacionais, que se interessam por isso. Ainda por cima, passam por ecológicas...

O POVO - Entre o alumínio e o plástico, o que seria mais aconselhável?

MAURÍCIO WALDMAN - Aí é difícil, é optar entre o capeta e o demônio. Eu não fico com nenhum dos dois, eu sou fã do vidro. Até me acusam de estar na folha de pagamento de alguma empresa... O vidro também é um problema ambiental; o Líbano hoje é um país desmatado em função também da produção vidreira que está funcionando lá desde o ano 1.000 a.C. A lenha foi altamente utilizada como insumo energético para produzir vidro, para fundir areia. O vidro também gasta muita energia, tenta fundir areia no seu fogão que você não vai conseguir. Mas os outros materiais são simplesmente inaceitáveis. Se você leva em conta que o plástico gasta 6,74 Kw/hora/tonelada e o alumínio 17.500, poderia se pensar que o plástico é melhor. Porém, a questão ambiental tem que ser vista no processo inteiro: para produzir alumínio, você tem que minerar vastas áreas, e retirando o minério do solo tem que lavar, então você usa muita água e contamina o recurso hídrico, acidifica o solo, revolve vastas áreas para retirar bauxita e com ela fazer alumínio. Aí você vai fazer o processamento na indústria, vem a lama vermelha, que é um problema terrível. Tanto que ninguém mais no primeiro mundo quer indústria de alumínio. Porque são indústrias altamente impactantes, mas algum idiota vai ter que produzir latinha para eles, e nós fomos escolhidos para essa função. Contra o plástico, existe uma denúncia internacional de que ele libera esteróides sintéticos no ambiente. Em muitos países europeus, onde a indústria do plástico já é constante há muitas décadas, ficou comprovada a diminuição nos espermogramas, está diminuindo a fertilidade masculina, por conta do plástico. É uma coisa maluca, você se dá

conta, de repente, de que pode estar dormindo com o inimigo, você está cercado de plástico. Tem estudos que mostram a relação de esteróide sintético com câncer de mama, com atrofia de testículos, com disfunções genitais. Ainda não é muito o caso do Brasil, porque começou relativamente tarde nesse sistema, e até porque só 40% da população do Brasil faz parte do mercado de consumo, dado do IBGE. Então se tem que ter uma política de minimização de lixo para quem consome, tem que ter também uma política de promoção social para quem não tem nada. Se você considera o processo inteiro, os dois (plástico e alumínio) são ruins. O ideal seria ter embalagens que fossem todas biodegradáveis, mas não adianta também você querer coisas que não existem, você tem que ter o pé no chão. Se você quiser administrar as grandes metrópoles brasileiras, que são inviáveis do jeito que estão, você não pode chegar no ponto de dizer "agora, todo mundo vai embora". Tem que administrar o angu de carço que está aí. Então, do jeito que está hoje em dia, a melhor (embalagem) que existe hoje é o vidro.

O POVO - Dá para ir contra as forças econômicas?

MAURÍCIO WALDMAN - Você tem que lembrar que economia e ecologia não podem ser tratadas como coisas antagônicas. Têm a mesma origem: uma é ecologia, *estudo da casa*, outra é economia, *ordem da casa*. O problema é que a economia não estabelece a ordem, ela cria a desordem. Eco vem termo do grego *oikos*, unidade auto-suficiente de produção e consumo. Portanto, todo *oikos* é uma casa, mas nem toda casa na Grécia era um *oikos*. Então a economia, ordem na casa, tem que ser um sistema que produza equilíbrio entre oferta e demanda. Uma economia que promove 40% para consumir, e deixa os outros 60% para não ter nada, isso não é uma economia. Eu sinto dizer; não venham querer me convencer que isso é um sistema digno. Se for é melhor tirar meu diploma da parede, porque eu devo estar falando bobagem. Mas enquanto eu não estiver convencido disso, vou continuar falando a mesma coisa, que a economia que a gente tem não implanta a ordem, e sim a desordem. E a ecologia que as pessoas têm na cabeça esquece que o elemento central é o homem. Se você quiser cuidar da avoante e esquecer do sertanejo, está louco. Gera-se uma série de problemas de percepção onde os ambientalistas cuidam do rio e esquecem que tem uma favela do lado do rio. E o favelado é que se torna o culpado. Isso é outra idéia fora do lugar. Enquanto as pessoas não começarem a pensar na ecologia como algo além da preservação, que também é importante, ninguém duvida, mas enquanto elas não passarem a ver também outros aspectos - particularmente a questão social -, você vai continuar reproduzindo esquemas altamente elitistas na relação com a natureza.

SÍNTESE

MEIO AMBIENTE É O LUGAR EM QUE SE VIVE

ECOLOGIA, SOLIDARIEDADE, COOPERATIVISMO E MUDANÇA DE PARADIGMAS

Síntese da entrevista de Maurício Waldman
Edição de 01-06-2002 de O Povo

Por meio ambiente entenda: a sua casa. E também sua rua, o bairro, a cidade, mesmo que ela tenha dois milhões de habitantes, trânsito caótico e prédios de concreto. Encarar como meio ambiente tudo o que está ao seu redor - e não apenas parques, reservas ecológicas, oceanos e florestas - é o primeiro passo para conscientizar-se da necessidade de "salvar o mundo" e seus recursos naturais. É isto que ensina o antropólogo e ambientalista Maurício Waldman, um veterano da questão ambiental.

1. AS TRÊS ESFERAS ENVOLVIDAS NA QUESTÃO AMBIENTAL

As pessoas são induzidas a imaginar que meio ambiente é algo fora delas, fora das áreas ditas artificiais, ou espaços construídos, áreas humanizadas, etc. Elas se engajam em lutas que defendem o urso panda, a ararinha azul, o mico-leão dourado, espécies ameaçadas. A baleia, que está lá no meio do oceano. É mais fácil e mais cômodo. Quando as escolas fazem a educação ambiental, é aquela coisa de cartaz de floresta, aí aparece a jaguatirica, o lobo guará. Quando aparecem, que por sermos uma cultura colonizada, os animais desenhados nos trabalhos infantis são importados. A maior parte dos bichinhos de brinquedo para crianças não existe no Brasil. É um ursinho. Onde tem urso no Brasil? Uma das parcelas da responsabilidade ambiental tem a ver com a ação do indivíduo. O *indivíduo* é uma das três esferas de importância na questão ambiental. A primeira seria a do *Estado*, que deve ser forte, para poder estabelecer políticas públicas, estratégias de urbanização, pactos sociais. A segunda é a *Sociedade*. É a Igreja, a comunidade de bairro, a escola, a empresa, que pode ser privada e ter

uma estratégia de interesse público. Mas a primeira fonte do problema ambiental é a residência, pelo desperdício, pela não segregação de lixo, pelos próprios hábitos de consumo das pessoas.

2. O CONSUMISMO PREJUDICA O MEIO AMBIENTE

É preciso estar atento para controlar as forças que impregnam você psicologicamente com maus hábitos em relação ao consumo e aos recursos naturais. *Não existe planeta para que todo mundo tenha o mesmo padrão de consumo.* Este sistema, com o paradigma do consumo, do individualismo, se for reproduzido em escala mundial, não haverá planeta para isso, e, portanto, este padrão de consumo não pode ser universal. Ele é necessariamente excludente. É preciso adotar paradigmas tais como o da simplicidade voluntária. Pensar: será que eu preciso mesmo comprar essa roupa? Será que vou comer toda essa comida? O Brasil virou um país de consumo de ícones. É impossível todo mundo ter carro, do mesmo modo que é impossível a globalização ser global. Então, se é só para alguns, que seja de uma forma que não prejudique os demais. Mudar isso também significa cuidar da casa, eliminar o desperdício, reaproveitar resto, toda essa parte que diz respeito ao cotidiano. Algumas coisas podem funcionar independentemente das outras esferas. Por exemplo: o material reciclável pode ser entregue para o catador de forma combinada. Na hora de adquirir refrigerante, você pode optar entre a embalagem de alumínio e uma de vidro retornável. Há limitações, mas você pode comer de forma adequada, separar o lixo, escolher uma embalagem menos impactante (...) Ninguém comenta isso...

3. O MITO DA RECICLAGEM

A reciclagem também não é a solução para a questão ambiental. Antes dela tem a reutilização e antes da reutilização, a redução, que é a teoria dos três erres: reduzir, reutilizar e reciclar. Nessa ordem. E atualmente muitos teóricos falam de um quarto R, anterior à redução, que é *repensar*. A cidade mais limpa não é a cidade em que mais se varre, mas a cidade em que menos se suja. E outra: *o lixo é a coisa certa colocada no lugar errado*. Na questão da reciclagem omite-se a discussão sobre o conteúdo energético das embalagens, sobre o conteúdo hídrico dos produtos. Não se pode pensar o lixo apenas da calçada para diante: tem que pensar o lixo antes que ele vá para a calçada. Tem que estabelecer uma linha de ação que faça a minimização, a redução do lixo. A reciclagem não dá conta de tudo, até porque o lixo tem uma porcentagem de rejeito: 40% do lixo não é reciclável. Papel dá para reciclar? Dá. Mas se jogar papel no saco de lixo e jogar molho de tomate em cima, pode esquecer. A reciclagem em larga medida é um mito, ela pode inclusive terminar se tornando um elemento de uma engrenagem depredadora.

4. ECONOMIA E ECOLOGIA NÃO PODEM SER TRATADAS COMO COISAS ANTAGÔNICAS

Elas têm a mesma origem: uma é *ecologia, estudo da casa*, outra é *economia, ordem da casa*. O problema é que a economia não estabelece a ordem, ela cria a desordem. Eco vem do tem grego *oikos*, unidade auto-suficiente de produção e consumo. Portanto, todo *oikos* é uma casa, mas nem toda casa na Grécia era um *oikos*. Então a economia, ordem na casa, tem que ser um sistema que produza equilíbrio entre oferta e demanda. Bem, uma economia que promove 40% para consumir deixando outros 60% para não ter nada, isso não é economia! E a ecologia que as pessoas têm na cabeça esquece que o elemento central é o homem. Gera problemas de percepção onde os ambientalistas cuidam do rio e esquecem que tem uma favela do lado do rio. E o favelado é o culpado. Enquanto as pessoas não começarem a pensar na ecologia como algo além da preservação, que também é importante, ninguém duvida, mas enquanto elas não passarem a ver também outros aspectos - particularmente a questão social - continuarão a reproduzir esquemas altamente e elitistas na relação com a natureza.

AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTA ENTREVISTA,
DESDE QUE MENCIONADA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, CONFORME ABAIXO DISCRIMINADO:

WALDMAN, Maurício, 2002, Entrevista concedida para as jornalistas Clarisse Furlani e Ana Cecília Mesquita, do Jornal O Povo, de Fortaleza, Ceará, publicada no Caderno de Meio Ambiente da edição de Domingo, 01-06-2002, sob o título *Ecologia, Solidariedade, Cooperativismo e Mudança de Paradigmas*.

PROF. DR. MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia english: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>